



## FORMAS DE PERCEPÇÃO DA NATUREZA NA CIDADE DE PARINTINS NAS DÉCADAS DE 1940 -1950

Forms of nature perception in Parintins city (Amazonas state - Brazil) in the decades  
of 1940 -1950

Alem Silvia Marinho dos Santos<sup>1</sup>

Mary Tania dos Santos Carvalho<sup>2</sup>

Charlene Maria Muniz da Silva<sup>3</sup>

Cleidemara Lima Menezes<sup>4</sup>

### Resumo

O presente artigo discute a relação com a natureza na cidade de Parintins nas décadas de 1940-1950, a partir de outro imperativo, a oralidade marginal, mostrando outras formas de percepção das mudanças ambientais ocorridas, as vivências, uma história guardada apenas em memórias que aqui começam a ser desvendadas. O artigo discute as formas de relacionamento entre os indivíduos e grupos humanos e o meio natural na cidade de Parintins. A metodologia aponta as perspectivas da História Oral como forma de aprofundar conhecimentos sobre uma determinada realidade. As reflexões sobre esse panorama emergem através das narrativas que se entendem numa articulação cotidiana do homem e natureza, por meio da memória dos moradores mais antigos da cidade. Os resultados alcançados demonstram uma cidade que passou por modificações complexas e que ainda se mantém em meio a rupturas e permanências na sociedade contemporânea.

**Palavras-chaves:** Amazônia; História Ambiental; Meio Ambiente; Memórias.

### Abstract

This article discusses the relationship with nature in the city of Parintins in the 1940s-1950s, based on another imperative, marginal orality, showing other forms of perception of environmental changes that occurred, experiences, a history stored only in memories that begin to be unveiled here. The article discusses the forms of relationship between individuals and human groups and the natural environment in the Parintins city. The methodology points out the perspectives of Oral History as a way to deepen knowledge about a given reality. The reflections on this panorama emerge through the narratives that are understood in an everyday articulation of man and nature, through the memory of the oldest residents of the city. The results achieved demonstrate a city that has undergone complex changes and that still remains in the midst of ruptures and permanence in contemporary society.

**Keywords:** Amazonia; Environmental history; Environment; Memory.

---

<sup>1</sup> Doutora em Desenvolvimento Sustentável (UnB), Professora de Geografia da UEA, asmarinho@uea.edu.br

<sup>2</sup> Doutora em Ciências e Matemática (REAMEC), professora de História da UEA, marytania-sc@hotmail.com

<sup>3</sup> Doutora em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade Amazônica (UFAM), professora de geografia da UEA, charlenemds@yahoo.com.br

<sup>4</sup> Graduada em História pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA), professora da rede privada de ensino (AM), mara\_his@outlook.com



## Introdução

O que nos motivou desenvolver esta pesquisa foi a riqueza de detalhes observadas nas narrativas de moradores mais antigos da cidade de Parintins em suas formas de dizer a natureza local nas décadas de 1940-1950. É em sentidos como esse que Leff (2001) dirá que a História Ambiental aparece como uma narrativa que emerge da natureza vencida. Com esta inquietação iniciamos a coleta de dados de um trabalho de pesquisa de extensão com idosos. Esses idosos de quase 80 anos tiveram sua juventude e vida adulta marcada nesse período. Por isso a escolha da referida década. Os procedimentos metodológicos da pesquisa que proporcionaram a obtenção dos dados apresentados no presente texto foram: leitura de obras referidas aos estudos de História Ambiental, memória, e realização de entrevista semi-estruturada (narrativas dos sujeitos) com os sujeitos da pesquisa, quatro moradores mais antigos da cidade de Parintins entre a faixa etária de 80 anos. Conforme os passos a seguir:

Primeiramente foram localizados os moradores mais antigos da cidade. Depois, foram realizadas as entrevistas, com o objetivo de montar um acervo documental sobre essa história ambiental narrada. Conforme Portelli (1996;1997), as fontes históricas são fontes narrativas. Apoiou-se ainda, nas discussões de Corrêa (2012); Pádua (2010); Bittencourt (2009), Leff (2001); Drummond (1991), Wagley (1988), Alberti (2013).

Em seguida foi-se a campo e foram realizadas as entrevistas com pessoas que presenciaram os eventos do período em foco, haja vista, ser “na realização de entrevistas que se situa efetivamente o fazer a história oral” (ALBERTI, 2013, p. 157). Assim, foi possível registrar o processo de interações entre o social e o natural pois, as memórias estão inseridas nos espaços sociais e geográficos que em muitas ocasiões são reelaborados e que trazem memórias ricas em elementos contributivos para compreender a história ambiental da cidade.

Concretamente, as questões ambientais surgem na década de 1960 e a História Ambiental é muito recente, principalmente no Brasil onde as relações históricas e mediações entre o homem e natureza irão aparecer no final dos anos 1990 (CORRÊA, 2012, 2013). Então, analisar um período anterior a essas discussões, possibilita trazer à tona a oportunidade de ver a relação homem-natureza de uma maneira mais complexa. Pois, desde sempre o homem se relaciona com esta, e, ao fazê-lo modifica o seu meio ambiente e constrói sua história. Isso é o que quer desvendar neste trabalho com a seguinte pergunta de pesquisa: Qual é a História Ambiental que emerge na década 1940-1950 na cidade de Parintins?



É comum na literatura ambiental sobre a região Amazônica mostrar a relação homem-natureza em equilíbrio com o ecossistema. Entretanto, apesar de inúmeros trabalhos atuais (NODA 2007, FRAXE, 2007) despontarem uma quase simbiose destes dois elementos, em Parintins não existem trabalhos estudando esta relação homem/natureza em períodos pretéritos, bem antes da discussão ambientalista, na década de 1960.

Verifica-se brevemente, que a história ambiental não é o estudo da natureza. Parte da premissa de estudar como as relações sociais e naturais interferem uma na outra. De acordo com Pádua (2010), o que caracteriza a discussão ambiental na cultura contemporânea não é a forte atenção para o tema da natureza, mas, na medida em que as sociedades humanas se territorializam e exploram o seu espaço, tem-se o conteúdo da história ambiental. Na perspectiva de Drummond (1991) são inúmeras as fontes que se tem para estudar a história ambiental de qualquer sociedade e para o historiador ambiental a memória, diários, inventários, contribuem bastante para esses estudos.

Drummond (1991), afirma que a História Ambiental é um campo interdisciplinar. Busca o equilíbrio, a interação, a influência mútua entre sociedade e natureza. Assim, a História Ambiental mostra-se como um campo vasto e diversificado. Com processos de mudanças produzidos por interações entre fatores humanos e naturais. Drummond (1991) nos mostra ainda que as narrativas que possibilitam a leitura dos fenômenos ambientais estão interligadas aos movimentos de memória, no qual o tempo será o cicerone para autorizar uma construção cultural.

Nesse sentido, o estudo do meio possibilita concretizar estudos interdisciplinares mais concretos pois, quando se trata do tema meio ambiente, dentro da aula de história, observa-se um certo estranhamento, como se a história tivesse numa esfera totalmente diferente. No entanto, as abordagens feitas no tema nos remetem às relações do contato das sociedades quando se territorializam e exploram seu espaço. De acordo com Bittencourt (2009), os historiadores nesse contexto passaram a preocupar-se com a história social. “Do ponto de vista do desenvolvimento intelectual, o estudo do meio favorece a aquisição de uma série de capacidades, destacando-se a observação e o domínio de organizar e analisar registros orais e visuais” (BITTENCOURT, 2009, p. 276).

Por fim, as narrativas possibilitaram a escrita da História Ambiental da cidade de Parintins das décadas de 1940/1950, obtida diretamente com os sujeitos que vivenciaram esse período. Destas histórias emergiu uma cidade com poucos habitantes e cercadas de luxuriante



vegetação e águas. Percebeu-se uma forte relação do homem e natureza neste lugar que ainda não se encontrava bem explicada, porém, presentes nas memórias dos moradores mais velhos, permitindo estudar um passado não revelado nos documentos escritos. Uma memória que é referencial ao mesmo tempo de ancestralidade e de identidade.

## **A história revelada no tempo e no espaço**

O surgimento da História Ambiental, em suas linhas gerais registra-se em 1970 nos escritos de um importante historiador ambiental dos EUA, Donald Worster, cujo foco de investigação começou a se estruturar como um campo historiográfico consciente de si mesmo, buscando chegar à realidade concreta factual. A partir daí os centros acadêmicos passaram a se interessar em estudar as influências humanas no ambiente social, cultural, econômico e político.

No Brasil, é com José Augusto Drummond que as relações históricas entre sociedade e meio natural aparecem no primeiro momento, no final dos anos 90. Os teóricos utilizados nesse primeiro artigo do referido autor, serão suportes referenciais para os intelectuais brasileiros. De modo que, “a importância de historiadores norte-americanos como Donald Worster, Richard Grove e Warren Dean”, serão bases para uma abordagem do ambiente enquanto materialidade e continuarão fundamentais, mesmo com a introdução de outros pensadores ligados aos estudos culturais, sejam dos Estados Unidos ou Inglaterra, cuja premissa é a ideia de paisagem cultural e socialmente construída (CORRÊA, 2013).

Para Corrêa (2012, p 56), citando Nancy Stepan (2011) “Essa ideia de que nossa visão do mundo natural é sempre historicamente constituída por interação perceptiva e material, então a nossa compreensão dele é sempre uma forma de conhecimento social, é um clichê hoje em dia”. Para a autora, são raros os trabalhos dentro da História Ambiental brasileira que pesquisam, de modo particular, sobre o viés de uma discussão da paisagem enquanto uma categoria científica.

Predomina, portanto, entre os historiadores ambientais o enfoque da paisagem como um fenômeno visual e a tensão entre a sua objetividade e subjetividade. Mas cabe apontar que, dentro desse pequeno quadro, são inúmeras as abordagens. Se a quase totalidade trata paisagem como um fenômeno visual, dentre eles há aqueles que a reduzem à percepção; outros que a definem como a percepção e a materialidade e outros, ainda, concebem-na como a materialidade. Entre os que a enfocam como uma relação subjetiva com o real, diferentes são as mediações: o indivíduo, a cultura, o gênero, a classe. Aqueles que a definem como uma materialidade tratam de forma diversa a sua composição e dimensão (CORRÊA, 2012, p. 59).



Desse modo, as visões que compõem o universo amazônico em suas formas de dizer a natureza, apresentam uma tentativa de conjugar a história, a natureza, indivíduos marginais (pobres, colonizados, dominados, vencidos), teorias de progresso misturadas com desenvolvimento entre outras.

De modo que, as narrativas vão dando conta de processos históricos de ocupação da região amazônica descrevendo a existência de vários grupos que passaram a viver na floresta e dos recursos da floresta. Há os povos indígenas, com grande importância nas vivências da região, há comunidades remanescentes de quilombos e também um imenso grupo descendente de nordestinos, judeus, cearenses que vieram para Amazônia no primeiro Ciclo da Borracha <sup>5</sup> (de finais do século XIX até 1914) e também durante a Segunda Guerra Mundial como “soldados da borracha”.

Muitos destes trabalhadores, mesmo com a decadência da economia gomífera, resolveram ficar na Amazônia e juntamente com descendentes de índios e brancos tomaram posse de pequenas extensões de terras, onde desenvolviam atividades extrativistas ou agropastoris, tais como a coleta da castanha, extração de pau rosa, a fabricação de farinha, caça, pesca etc.

Neste estudo, para entender essas transformações, de todas as ordens e manifestações, fez-se necessário um recorte espacial e histórico. O processo de formação da cidade de Parintins, levando em consideração os estudos da História Ambiental e as relações entre homem e natureza retratando o ambiente (natureza/sociedade) como: a paisagem, o modo de vida e a convivência do lugar. Neste tempo não havia uma pauta ambientalista. Esta só irá surgir na década de 1960.

Nesta delimitação espacial, ou de limite espacial restrito, correspondente ao município de Parintins, mas que, em suas generalidades envolvem relações e espaços muito amplos, pois, desde o processo de colonização havia a chegada de migrantes para o território brasileiro e estes eram sujeitos vindos de todas as partes na expectativa de encontrar elementos que lhe gerassem riquezas. O espaço tratado (Parintins) configura diversas territorialidades.

---

<sup>5</sup> O conceito de “ciclo econômico” é refutado pela historiografia contemporânea porque limita o ângulo de análise. Dizendo de outra maneira prioriza somente o aspecto econômico em detrimento de outras abordagens.



Nesta relação mais direta com o espaço natural amazônico registrou-se que, nas últimas duas décadas do século XIX, a Amazônia passou a receber várias correntes migratórias, motivadas pela realização da extração do látex. Nesse contexto, vem para a Amazônia inúmeros grupos de famílias para trabalhar na extração do látex e, após um período conturbado, esses sujeitos começam a se dispersar pela região em busca de trabalho.

A cidade de Parintins vivia esse processo de migração, judeus, turcos, franceses, japoneses, portugueses, cearenses e nordestinos que acabaram se identificando com o lugar e constituindo famílias. É importante destacar que antes da chegada desses imigrantes à região, a “ilha de Tupinambaranas” já era habitada por diferentes povos indígenas <sup>6</sup> (SIMÕES e ARAÚJO, 1978, p. 26).

É nesse encontro de culturas distintas que iremos reconhecer agentes históricos quase esquecidos neste processo de construção da cidade. Conforme Loureiro:

A ocupação do espaço amazônico tem seu ponto marcante no período do “*ciclo da borracha*” com acontecimentos que marcaram a demografia regional. Com o auge do látex o processo de imigração se intensificou, os movimentados centros comerciais regurgitando de agentes de todas as raças-nordestinos, ingleses, peruanos, franceses, judeus, norte-africanos, americanos, caboclos, índios, italianos, libaneses, sulistas, portugueses que causaram um inchaço e profundas mutações nas principais capitais regionais como Belém e Manaus (LOUREIRO, p. 2008).

Autores que enfatizam a História servindo para sustentar identidades dos grupos sociais, como Leal (1880-1930) que narra, na segunda metade do século XIX, a expansão das fronteiras extrativistas sobre os rios da Amazônia, foi o que possibilitou a abertura para a exploração de novas áreas da região. O látex era um dos produtos mais cobiçados e despertava o interesse não só a nível local, mas nacional e internacional. É nessa busca por riquezas e a grande exploração de novas áreas que surge a necessidade de um grande contingente de mão de obra para trabalhar nesses seringais.

Num discurso criado para trazer esses trabalhadores, usa-se o mecanismo de propagandas ilusórias sobre as riquezas que se poderia obter na região, vida cheia de riquezas, próspera, fazendo com que se intensificasse o fluxo migratório para a região na busca dessas propagandas

---

<sup>6</sup> Em sítios Pré-Coloniais encontrados, com farto material arqueológico, a incidência de cerâmicas das Tradições Incisa e Ponteadada, prevalência da fase Kondurí e fragmentos da fase Pocó; Tradição Borda Incisa, representada pela fase Paredão; Tradição Açutuba (CARVALHO, 2007, p. 37).



criadas pelos seringalistas. Passando por cima dos indígenas que se encontravam na região e fazem o deslocamento de imigrantes nordestinos e cearenses que serão totalmente explorados com trabalho compulsório.

O ambiente, nessas décadas, era típico de uma pequena cidade em formação em meio à floresta e se desenvolve sobre distintas culturas: “nas pequenas cidades existem relações humanas de indivíduos, e nelas, todos os dias, as pessoas estão sujeitas aos preceitos de sua cultura” (WAGLEY, 1913, p. 43). Nesse contexto, é notório perceber que as delimitações espaciais resultantes da cultura, tanto para o campo da História como da Geografia são interdisciplinares, pois os locais onde ocorrem os eventos da ação humana só adquirem sentido naquele espaço e tempo determinado. E posteriormente servirão de suporte para narrativas com íntima relação com o aparecimento de identidades, que nem sempre acompanham os territórios tradicionais da análise histórica.

## **Os caminhos da História Oral**

A História oral, como metodologia de pesquisa, ocupa-se em conhecer e aprofundar conhecimentos sobre determinada realidade, como os padrões culturais, estruturas sociais e processos históricos obtidos através de conversas com as pessoas, os conhecidos relatos orais. No plano textual, a representatividade das fontes orais e das memórias se mede pela capacidade de abrir e delinear o campo das possibilidades expressivas.

No plano dos conteúdos, mede-se não tanto pela reconstrução da experiência concreta, mas pelo delinear da esfera subjetiva da experiência imaginável: não tanto o que acontece materialmente com as pessoas, mas o que as pessoas sabem ou imaginam que possa suceder. “E é o complexo horizonte das possibilidades o que constrói o âmbito de uma subjetividade socialmente compartilhada” (PORTELLI, 1996, p. 66).

Através da memória investigou-se a história ambiental da cidade de Parintins, resgatando informações sobre o passado e o seu desenvolvimento. Como era a relação no ambiente? Como tratavam com a questão do lixo? Pesca? Agricultura? Alimentação?

Optamos por trabalhar com memória dos mais velhos para a compreensão da história ambiental da cidade, evidenciando fatos que não estão nos documentos como as características das interações sociedade-natureza nesse processo. Assim, a partir da construção de um roteiro de questões deu-se o início da pesquisa, esta etapa foi objeto de todo cuidado e dedicação da



parte dos pesquisadores. As entrevistas foram pautadas nas orientações indicadas pela historiadora Verena Alberti (2013) em sua perspectiva de História Oral, também considerando sempre o respeito ao sujeito da pesquisa, deixando-os à vontade para responder ou não as perguntas na hora da entrevista.

Considerou-se também o que diz Ecléia Bossi (2003) sobre a importância da memória de velhos no processo de construção de qualquer manifestação ou episódio de uma dada sociedade e que ao estudar o cotidiano histórico tendo a memória dos velhos como fonte, “é importante analisar os fenômenos sociais e suas transformações, ocorridas em determinado tempo. A memória deve ser entendida também, ou, sobretudo, como um fenômeno coletivo e social” (BOSSI, 2003, p. 201).

Para o desenvolvimento da pesquisa foram entrevistados quatro sujeitos, suas experiências de vida foram registradas. Os colaboradores estavam na faixa etária dos 80 anos. As entrevistas foram realizadas nas casas dos colaboradores, pois é o seu ambiente de confiança onde o mesmo sente-se à vontade para rememorar suas vivências, com as conversas informais, tendo o roteiro como o ponto determinante para o desenvolvimento dos relatos e registros da memória como também, serviram de apoio para a escrita da história ambiental local.

As abordagens com os colaboradores aconteceram com uma pré-entrevista, visita para a apresentação do projeto, mostrando a sua importância enquanto um sujeito histórico inserido no determinado contexto e na construção da cidade de Parintins, desfazendo pensamentos que se construiu durante muito tempo de que a história só quem a fazia era os grandes homens. Após esses momentos de conversa, os próprios colaboradores se sentiram à vontade para relatarem suas experiências.

As fontes orais nos permitiram conhecer e reconhecer as afirmações de identidades locais de indivíduos, grupos e culturas da época, nas formas do dizer, experimentar políticas de natureza distintas, posto que se arriscam a navegar pela terceira margem (RIOS, 2019). As narrativas que possibilitam a leitura dos fenômenos ambientais estão interligadas aos movimentos de memórias, no qual o tempo será o cicerone para autorizar uma construção cultural (DRUMMOND, 1991). E a variedade de fontes permitirá diversas formas de análises construindo e buscando uma identidade natural, uma ligação com a história regional através dos inúmeros fatores e processos que visam os estudos das relações do homem com o seu ambiente social e natural.





## O que conta o relato sobre a paisagem da cidade de Parintins nas décadas de 1940 – 1950

Na maioria das vezes os espaços de memória de uma determinada época tende a desaparecer com o passar dos tempos, fazendo com que muitos lugares importantes da cidade desapareçam não só da memória mais como da própria história, nesse contexto a memória é um testemunho vivo da construção de identidade de um povo. A Figura 1 abaixo mostra uma vista aérea da cidade de Parintins em 1940, como pode ser observado, não há tantas ruas e casas, e o desenho da cidade é diferente do qual temos hoje:

**Figura 1:** Cidade de Parintins na década 1940



**Fonte:** foto do arquivo de Salomão Mendes (2015)

A cidade de Parintins desse período é apresentada por três ruas principais paralelas ao rio, e umas cinco travessas, nessa época as casas seguiam o padrão europeu. As melhores casas estavam localizadas na primeira rua. Contudo, a cidade de Parintins na década de 1940 – 1950 é uma típica comunidade, composta por poucos moradores em um ambiente em transformação. Sobre esse período seu Salazar Gonçalves, natural de Parintins, filho de português com uma cearense, relata que a cidade de Parintins possuía três ruas, as principais do Centro da cidade, o restante eram grandes capinzais, ou então, grandes campos de gado. Conforme trechos da sua fala:



A cidade tinha só três ruas, a primeira era conhecida assim, fulano vai lá na casa do ciclano na rua 1, rua 2 ou rua 3. A rua Amazonas não existia era só um capinzal, um capoeirão, era a travessa dos Bentes. A rua da casa Sony não existia era só um capinzal e capoeirão, aí vinha a Sá Peixoto que era chamada travessa Joaquim Nossa; a rua do meu irmão, era ali aonde é a prefeitura. Ali no canto, logo nesse próximo era do Joaquim Nossa, a outra era a Rio Branco que era chamada Pau da Folha Fina ou travessa das Escrepildes, duas irmãs que trabalhavam no hospital, a Zizi e a Zezé. Pau da Folha Fina porque parecia visagem e todo mundo tinha medo, certa hora ninguém passava ali e de fato aparecia uma mulher toda de branco (Entrevista com Salazar Goncalves, 2015)

Nesta narrativa do colaborador, aparece um ambiente tranquilo da cidade com um número de moradores ainda pequeno. Seguindo essa estrutura de um ambiente com poucos moradores e de um ambiente inóspito, que tinham poucas ruas (caminhos), poucas casas, não possuía asfalto, não tinha calçamento as casas eram cobertas de palha e as paredes de barro. O senhor Moisés Dray, natural de Parintins, filho de judeu com uma parintinense, em seus relatos conta que a cidade era simples, pacata, mas muito acolhedora:

Casa dali da casa Sony pra cá tinha, da casa Sony pra lá isso era um campo do Gentil Belém de gado, tinha a Sá Peixoto, a Rio Branco, Gomes de Castro, se conhecia as ruas vamos supor aqui a Gomes de Castro era a rua do velho Xavier fogueteiro ele não tinha mão de um lado, ele era fogueteiro foi soltar foguete e tirou a mão dele se conhecia assim aqui na Rio Branco era a rua do pau da folha fina, lá a rua do Baranda era a rua do velho Mandiir, na rua do Pac (Jonathas Pedrosa) era a rua do velho Oneldes Martins, um senhor que só tirava retrato, assim, aonde mora o fulano, no pau da folha fina ou na Oneldes Martins e bem aqui tinha o pau da folha fina e ali fazia visagem, olha ninguém passa lá que faz visagem. Naquele tempo, como eu acabei de dizer, a cidade era pobrezinha se enchia água no rio, se usava lamparina, as casas eram construídas de barro, palha, a única escola que tinha era o Araújo Filho. Muitos amigos, o Ubaldino Meirelles, Nelson Gonçalves os que tinham condições iam para fora estudar os que não tinham ficavam por aqui (Entrevista com Moises Dray, 2015)

O colaborador Moises Dray também narra uma cidade pequena onde o espaço era bem demarcado pela população local, mostra ainda, um contexto histórico e social que se desenvolveu sobre espaços de memórias e o tempo que determina as modificações desse passado. A cidade de Parintins nas décadas de 1940-1950 nas narrativas de Moises Dray e Salazar são muito próximas e nos fazer perceber a história na natureza, é a existência de espécies vegetais



(capinzal, capoeirão, o pau de folha fina), animais introduzidos (gado), a abertura de ruas pela ação dos humanos ao longo desse período histórico analisado.

Esses trechos percorrem ainda às tipificações das ruas existentes à época. Conforme narra o Sr. Moisés Dray e o Sr. Jonas:

Não tinha negócio de asfalto, não tinha calçamento, era tudo terra, a rua Amazonas ali aonde tem aquele negócio do Feijó de vender cerâmica daí pra lá era só um campo de gado, tinha isso daí, essas casas não tinha, agora o cemitério sempre foi lá, era de chão, não tinha calçamento, essa rua Amazonas era um chãozada quando chovia subia aquele puerão, muita pueira mesmo. Todas essas ruas não era calçada nenhuma, depois já de muito tempo o maior patrimônio que Parintins tinha era não sei quantas mil ações da Petrobrás o seu Gláucio vendeu pra calçar as ruas, depois de muitos anos em 60, 70, 80 veio a chamada urbanização (Entrevista com Moises Dray, 2015)

As ruas era areião, mato, capim, aquelas ruas do Bentes (rua da escola Gurilândia) que chamavam ali tinha um capinzão dessa altura fino, tinha um caminho que o pessoal andava de noite, os moleques safados puxavam os capins, aí o cara vinha com a lata de água que vinha do porto dava uma topada e café, essa francesa era uma lindeza era cheia de flutuante (Entrevista com Seu Jonas, 2015)

Nas duas narrativas acima, evidencia-se as relações histórica que se estabelecem com aquele ecossistema e como a cultura humana modificou substancialmente o referido lugar a partir da vivência destes. Nesses relatos que mostram ruas, caminhos que se modificaram, mas que quando é rememorado por esses sujeitos possibilitam reconhecer ruas, caminhos e lugares que permaneceram nas memórias revelando que a história humana não acontece no ar, mas sim em espaços definidos. Pois, “os espaços se transformam em lugares e territórios através da experiência concreta das sociedades humanas em sua interação cotidiana com os diferentes seres e ecossistemas presentes no chamado ‘mundo natural’ (FRANCO, 2016, p. 7). Por fim, não podemos deixar de considerar também que a complexidade das trocas ecológicas que marcaram a configuração biofísica atual do município de Parintins e de todo o território brasileiro caracterizam a paisagem de várias regiões deste território, como, por exemplo, os bois, os cavalos, as galinhas, as plantas como o café, foram espécies exóticas introduzidas ao longo do processo de colonização deste país.



## **A convivência da cidade que se constrói**

As mudanças e as continuidades nas formas de relacionamento entre os indivíduos e grupos humanos e o meio natural, as transformações no tempo e no espaço das maneiras de viver, sentir e pensar a natureza, suas particularidades, traços permanentes, variações e comparações têm sido alvos de interesse dos historiadores (MARTINEZ, 2002). Como já narrado acima, a cidade não era grande as casas existentes eram simples, os materiais necessários para a construção destas se retirava da própria cidade.

Na década de 1950, existiam habitações do tipo flutuante bem na frente da cidade. Essas casas eram construídas de madeiras em toras que flutuavam sob as águas no período das cheias. Mas as estruturas de casas que se tinha na cidade nas décadas de 1940-1950 eram, em sua maioria, tipicamente construções de taipa ou madeira, todos no chão e possuía no mínimo dois ou três cômodos. Depois do período da borracha, muitas casas como essas de taipa foram sendo deixadas de lado e a tendência que prevaleceu foi a construção de casarões para o embelezamento da cidade, mantendo o foco principalmente na rua da frente, que teria de seguir um padrão de casas que estava sendo implantada na região.

Na narrativa do Sr. Salazar a cidade possuía um ambiente aconchegante e de boa convivência, desde a luxuriante paisagem, ao bom relacionamento entre os moradores. Conforme narra a seguir:

Ah! Era ótima a convivência, os vizinhos, os amigos se reuniam nas casas das pessoas, iam conversar, tomar café. Por exemplo, aqui, a minha mãe vinha a família do Paulo Teixeira, a Maristela(professora) ele era pai dela, ali aonde eles moravam o papai vendeu pra eles, porque ele, o pai dela queria trazer o estandarte não tinha onde ele deixar, ai ele era amigo do papai, papai acabou vendendo a casa , então era assim se reuniam 5 ou 6 senhoras embaixo dessa mangueira, que não era asfalto, era terra, grama aí quando era quatro horas ou quatro e meia se sentavam debaixo dessa mangueira começavam a chegar aí conversamos até 6 horas. Depois cada um ia sempre embaixo ou na casa dos amigos então na porta das casas e batiam aquele papo era uma convivência que não se tem hoje. Hoje é raro de se vê gente sentado na frente de casa pra conversar, se dormia tranquilamente, se dormia de janela e de porta aberta na maior tranquilidade não havia nada nessa época.



Como foi dito pelo colaborador, a cidade de Parintins permitia ter o equilíbrio entre o natural e o social, que se torna muito presente quando ele traz em seus relatos parte dessa vivência. A boa convivência dos moradores tem outro contexto na fala do Sr. Moisés que diferente do seu Salazar, nos mostra um ambiente rústico, onde os moradores não se reuniam nas frentes de suas casas nas havia uma interação comunitária. Vejamos:

Era de gente pobre mesmo, quase como no interior sabe é um vizinho bom com o outro, não se via falar em roubalheira, em droga, não se via nada, nunca na minha vida durante quando eu era menino ouvir falar em droga, em gay, viado, aqui essa Francesa era um deserto, esse Palmares era um campo de gado do velho pai do finado João Novo ai no finado Cardoso. A gente era curumim a vovó mandava a gente juntar tucumã, castanha para gente comer a gente era pobrezinha, ela dizia meu filho pega a linha vai puxar um peixinho na beira, eu tirava minhoca pra pegar o peixe, eu vinha de lá com uma cambada de peixinho pra fritar. E tinha algum lugar que vocês se reuniam para conversar? Não tinha esse negócio, mas quando tinha a festa de Nossa Senhora do Carmo a gente se via (fala do seu Moisés)

A narrativa do Sr. Moisés fala que a convivência era de pobre um vizinho era bom com o outro. Porém, a memória se revela aqui estabelecendo relações de semelhança entre aquilo que sente em seu ser e aquilo que viu como externo a si nos anos 40 e 50 em Parintins, ao afirmar que: “não se via falar em roubalheira, em droga, não se via nada, nunca na minha vida durante quando eu era menino ouvir falar em droga, em gay, viado, (...)”. Fora esta relação a narrativa deste colaborador não foge à referência visual com tom moralizante evidenciando vinculação direta à moral religiosa conservadora que caracteriza o contexto do Amazonas à época. Como bem coloca Corrêa ao analisar a paisagem como fenômeno visual em suas diferentes performances.

(...) o enfoque da paisagem como um fenômeno visual e a tensão entre a sua objetividade e subjetividade. (...) dentro desse pequeno quadro, são inúmeras as abordagens. Se a quase totalidade trata paisagem como um fenômeno visual, dentre eles há aqueles que a reduzem à percepção; outros que a definem como a percepção e a materialidade e outros, ainda, concebem-na como a materialidade. Entre os que a enfocam como uma relação subjetiva com o real, diferentes são as mediações: o indivíduo, a cultura, o gênero, a classe. Aqueles que a definem como uma materialidade tratam de forma diversa a sua composição e dimensão.



Nesse sentido, consideramos que a fala do Sr. Moises permeia fatos de ordem subjetiva com o real, de modo que, ao optar pelo trabalho com história Ambiental o pesquisador tenha a ciência que não ficará alheio à referência visual, cujo enfoque se processa em uma relação subjetiva do colaborador com o meio natural.

Por esse viés, é perceptível a diferença de cidade que cada um traz na sua memória. A cidade é uma só, mas as visões são diferentes. Para seu Salazar e seu Abel a cidade era luxuriante, da boa convivência, das grandes damas e senhores aonde havia aquele contato com o espaço muito bom, aonde podia se sentir num ambiente aconchegante. Porém, para seu Moises a cidade era muito pobrezinha, não era tão forte essa relação social, era um ambiente calmo, composto pelos brancos e os pobres. Tendo como base essas visões de classe distintas, nessa narrativa o suposto desenvolvimento, o crescimento econômico, o progresso parecem não atingir a todos os moradores. A cidade através dessas visões foi dividida em duas cidades, uma localizada na rua da frente e a outra localizada na travessa.

### **O emergir a História Ambiental: relação de equilíbrio**

Sob o ponto de vista ambiental as relações de equilíbrio começam a emergir, quando são retirados os recursos do ecossistema local para a construção das moradias, na sua alimentação, na retirada da madeira, da agricultura. Ao passar a viver na cidade, no primeiro momento, os agentes históricos vão fazendo com que esse lugar esteja voltado para a sustentabilidade, retirando produtos suficientes para a sua alimentação e para garantir sua moradia.

O equilíbrio vai surgindo quando fazem essas atividades do dia a dia descrita abaixo na Tabela 1, que contém narrativas dos colaboradores:

**Tabela 1: Narrativas dos moradores mais antigos de Parintins (2017)**

|               |   |
|---------------|---|
| O lixo        | Minha filha essas exigências que tem agora, tacava fogo no quintal, o lixo era a folha, porque naquela época não existia essa sacola plástica, a sacola que tinha era o papel de embrulho, eu comprava o quilo de açúcar vinha no papel de embrulho, nos jogava e tacava fogo, não tinha esses troços de hoje (fala do seu Moises, 2015). |
| A alimentação | Eu criei meus filhos com muita carne de caça do mato, eu matava onça, maracajá, esses bichos do mato e quem comprava essas peles era o Dodó Novo me pagavam bem comprava as peles (fala do seu José, 2015).   |



|  |
|--|
| O peixe tinha os pescadores, muitos pescadores, eles iam de canoa (...) tudo era na tarrafa, não tinha malhadeira, as ferramentas para a pesca era tarrafa, arpão, flecha e caniço(...) o peixe vinha tudo enfiado no cipó. (Salazar, 2015). |
|--|

Fonte: entrevista realizada pelas autoras, 2015

As cidades em expansão, em sua maioria, quase sempre sofrem impactos que, na maioria das vezes, são negativos, como a destruição do meio ambiente. Na Parintins das décadas de 1940/1950 as histórias vão sendo tecidas com equilíbrio pois, esses sujeitos precisavam utilizar e trazer recursos da natureza. Ao fazerem isso, como consta nesses relatos, os sujeitos faziam com sustentabilidade, com equilíbrio ecológico, buscava-se um cuidado social para que não faltasse alimentos para aquela comunidade.

Continham um desenvolvimento econômico viável, que para a sociedade moderna não era desenvolvido. Mas, para eles, era o suficiente para a sua sobrevivência e vivência, pois, ao chegar o fim das tardes não se preocupavam com o que comer no próximo dia. Era uma relação de pertencimento com o lugar, sendo eles donos desses espaços. A sociedade de setenta e cinco anos atrás comandava aquele espaço, possuía segurança alimentar, usufruía do seu ecossistema.

No entanto, não se pode ver a natureza como coisa fixa, pronta, esse mundo biofísico é um mundo de transformação. Aliás tudo está em transformação, tudo está em movimento. E quando se pensa nessa relação entre história e natureza, no que se refere ao Brasil, está claro que salta aos olhos a questão do território brasileiro. As ações humanas interferindo na formação do ambiente.

De modo que, nas décadas de 1940 -1950, a devastação existia, no entanto, as forças produtivas eram fracas, não se tinha muito capital, não tinha muita tecnologia. Ou seja, como a população era pequena havia tempo para o ambiente se reconstruir.

Nesse contexto, a História ambiental está ligada ao equilíbrio do homem com a natureza, partindo da literatura atual que existem comunidades de práticas ancestrais na Amazônia e que essas comunidades sabem lidar com o meio ambiente de forma sustentável. O que é ser sustentável? É o que não agride os ecossistemas, não retira a ponto de não poderem mais se recompor. Eles não pescam, não derrubam árvores, não caçam mais que o necessário, mesmo estando num ambiente rico de fauna e flora. A natureza passa, então, a se recompor.

Existe uma sustentabilidade dessas sociedades em relação ao meio ambiente como demonstra os trabalhos atuais sobre as investigações das comunidades atuais aqui na Amazônia e



de outros lugares também. São apontados em inúmeros estudos. Para Witkoski (2007) os elementos terra, floresta e água e as relações de trabalho possibilitam a concretização do homem no interior da Amazônia como agricultor/criador (terra), extrativista de produtos vegetais e caça (floresta) e extrativista de produtos animais pesca e caça (água).

Apoiados em estudos existentes na literatura amazonense, entre estes Noda (2007); Fraxe (2007) e Witkoski (2007), pode-se afirmar que nas décadas de 1940 - 1950 na cidade de Parintins, havia essa relação de equilíbrio. Os fragmentos narrados mostram essa relação de equilíbrio na hora que estão construindo as suas casas, quando estão pescando, essa memória apresentada nessas décadas confirma o que está na literatura.

Essa relação de equilíbrio do homem com o meio, bem antes de se tratar de questão ambiental, já era tratada como ambiente de forma equilibrada. Esses comportamentos são herança da cultura indígena, pois foi o contato com os povos indígenas que contribuiu para essas práticas de uso dos recursos naturais de forma inteligente para que eles se mantivessem no futuro. Seguindo estes parâmetros, a humanidade pode garantir um desenvolvimento sustentável.

Na sociedade contemporânea esta relação de equilíbrio é incipiente. Todos os dias são retirados dos ecossistemas bens ambientais, sem tempo para se regenerarem. O crescimento e a distribuição espacial também são fatores que podem apontar a vulnerabilidade de uma determinada população, a partir da análise da maneira como ocorre este crescimento. Assim, considera-se que a depredação à natureza se constitui parte da história do empobrecimento dessas populações pois, “as necessidades humanas são consumidoras da natureza. Quanto maior a população, maior o uso da natureza” (BRUSZTYN, 1993. p. 99).

Por fim, entende-se que a intensa busca por produtos que possam servir de troca ou venda, ou mesmo para reposição de seus materiais de trabalho e moradia tornaram-se mais constantes. O território, o ambiente e a paisagem vêm sendo transformados ao longo do tempo. Também por questões culturais, tecnológicas, econômicas, não se vê o ambiente isolado, mas um ambiente ligado a outros lugares do mundo. Essa é a perspectiva da história ambiental.

## **Considerações finais**

A história ambiental apresenta-se hoje como um campo vasto e diversificado de pesquisa. Diferentes aspectos das interações entre sistemas sociais e sistemas naturais são





esquadrinhados anualmente por milhares de pesquisadores. A produção atual engloba tanto realidades paisagísticas, florestais e rurais quanto urbanas e industriais, dialogando com inúmeras questões econômicas, políticas, sociais e culturais.

Por outro lado, a problemática ambiental é muito prolixa na sociedade contemporânea, haja vista os processos de globalização interferirem na sociedade e no ambiente. Todos os dias são retirados do ecossistema inúmeros recursos que afetam toda a estrutura de uma sociedade. Nestes termos, as narrativas traçam um ambiente que emerge ecologicamente, as mudanças são perceptíveis, houve inúmeras rupturas no modo de lidar com o ambiente, não se encontram mais recursos em abundância. A natureza, de certa forma, se encontra esgotada no município de Parintins.

No entanto, é possível encontrar permanências em alguns hábitos, como a prática de queimar o lixo no fundo dos quintais, um dos grandes problemas encontrados na sociedade atual é a grande cortina de fumaça que fica na cidade todos os dias. As melhores casas ainda estão localizadas no centro da cidade, nos bairros mais afastados existem algumas casas bem estruturadas, prevalece as de madeira, nos remetendo aos tipos de casas do período estudado.

Assim a possibilidade de fazer emergir a História Ambiental de Parintins nas décadas de 1940-1950 através da memória dos sujeitos considerados comum naquele processo, a sociedade contribuiu para desfazer pensamentos que se construíram e permaneceram durante muito tempo, de que a história pelos grandiosos feitos dos grandes homens. Nesse fazer mostramos para os nossos colaboradores a sua importância enquanto sujeitos históricos que a sua contribuição é fundamental para reconstruir historicamente a história ambiental de Parintins.

## Referências

- ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. São Paulo: FGV, 2013
- BENCHIMOL, Samuel. **Amazônia- formação social e cultural**. 3°. ed. Manaus: Valer, 2009.
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. 3.ed- São Paulo: Cortez, 2009.
- BOSI, Ecléia. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3° Ed. São Paulo: Cia das Letras, 2003.
- BRUSZTYN, Marcel (org.). **Para pensar o desenvolvimento sustentável**. São Paulo, Brasiliense, 1993.



- CARVALHO, M. T. dos Santos. **Juntando a página da história do período pré-colonial: artefatos e sua caracterização sítios arqueológicos: Comunidades São Paulo e Santa Rita - Valéria; Laguinho e Vila Amazônia.** Monografia (Graduação em História CESP UEA), Parintins, 2007.
- CORRÊA, Dora Shellard. **História Ambiental e a Paisagem.** HALAC. Belo Horizonte, volumen II, número 1, setiembre 2012.
- CORRÊA, Dora Shellard. **Paisagens sobrepostas: índios, posseiros e fazendeiros nas matas de Itapeva (1723-1930),** Londrina: EDUEL. 2013, 274 p.
- DRUMMOND, José Augusto. **A História Ambiental: temas, fontes e linhas de pesquisa.** **Revista Estudos Históricos** Uma publicação do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil - CPDOC/FGV, 1991.
- FRANCO, Sandro Dutra e Silva; DRUMMOND, José Augusto; TAVARES, Geovana Galvão (Org.). **História Ambiental: Territórios, fronteiras e biodiversidade.** Vol. 2. Rio de Janeiro: Garamond, 2016.
- FRAXE, T.J.P.; PEREIRA, H.S.; WITIKOSKI, A.C. **As comunidades ribeirinhas Amazônicas: modos de vida e usos dos recursos naturais.** Manaus: EDUA, 2007.
- LEAL, Davi Avelino. Cotidiano e conflitos nos seringais do Rio Madeira (1880-1930). **Fronteiras do tempo: revista de estudos Amazônicos**, v. 1, n° 1 – junho de 2011, p. 127-137.
- LEFF, Henrique. **Saber ambiental.** Petrópolis: Vozes, 2001. 343 p.
- LOUREIRO, Antônio. **A grande crise.** 2°. ed. Manaus: Editora Valer, 2008.
- MARTINEZ, Paulo Henrique. **História e meio ambiente: considerações sobre a formação continuada em pesquisa, ensino e aprendizagem.** Projeto de história da faculdade de Ciências e Letras da UNESP/ASSIS. São Paulo: PDFNE, 2002. Disponível em: [www.unesp.br](http://www.unesp.br).
- NODA, Sandra do Nascimento (Org.). **Agricultura familiar na Amazônia das águas.** Manaus: EDUA, 2007.
- PÁDUA, José Augusto. As bases teóricas da História ambiental. **Estudo avançados.** 24 (68), 2010.
- PORTELLI, Alessandro. A filosofia e os fatos: Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. **Tempo**, Rio de Janeiro, vol. 1, n°.2, 1996, p. 59-72.
- PORTELLI, Alessandro. **Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na História Oral** (Proj. História). São Paulo, abril. 1997.



RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.

SIMÕES, Mário F. e ARAUJO. COSTA Fernanda. **Áreas da Amazônia legal e Brasileira para pesquisa e cadastro de sítios arqueológicos**. Belém: CNPQ / INPA / MPEG (Public. Avulsas nº 30), 1978.

WITIKOSKI, Antônio Carlos. **Terras, florestas e águas de trabalho: os camponeses amazônicos e as formas de uso dos seus recursos naturais**. Manaus: EDUA, 2007.

WAGLEY, Charles, **uma comunidade Amazônica: estudo do homem nos trópicos/** (tradução de Clotilde da silva costa). 3ª. Ed. Belo Horizonte: Itatiaia: São Paulo: editora da Universidade de São Paulo, 1988.

### Fontes Orais

Salazar Goncalves de Oliveira, 83 anos, parintinense, filho de seu José Gonçalves de Oliveira natural de Portugal e de dona Leonilia Nogueira Oliveira natural do Ceará, entrevista feita pela acadêmica Cleidimara, gravada dia 15 de abril de 2015, na casa do entrevistado.

Moisés Prestes Dray, 83 anos, parintinense, filho de seu José Dray um judeu e de dona Maria de Nazaré Dray, parintinense, entrevista feita pela acadêmica Cleidimara, gravada dia 19 abril de 2015, na casa do entrevistado.

Jonas Alves de Mel, parintinense, de 79 anos, filho de Hortolano de Melo Azedo e Rita de Alves Melo, natural da Paraíba, residente na rua Rio Branco, exercia a profissão de motorista e radiólogo, casado, tem 8 filhos.

José Antônio dos Santos, nasceu no Lago Grande de Salé, possui 86 anos, filho de Filomena e Pedro Santos, natural dessa cidade de Parintins, reside na rua Gomes de Castro, sua profissão era serviços gerais, casado e tem 7 filhos.

Trabalho apresentado em 28/01/2020

Aprovado em 30/03/2020